

● NO RASTO DE...

'BARRAGEM' JUDICIAL TRAVA ÁGUAS

Os actuais proprietários aguardam por indemnização, após a Casa das Águas do Porto Santo ter sido fechada em processo judicial "vergonhoso" do qual foram absolvidos

ANDREIA DIAS FERRO
aferro@dnoticias.pt

As paredes de tom amarelo não passam despercebidas a quem visita o Porto Santo. A história da empresa das Águas do Porto Santo conta-se ao longo de várias gerações e deixa marca na ilha dourada. O edifício da Casa das Águas, a denominada fábrica, acaba por ser o rosto mais visível, que nos deixou o rasto para conhecer o porquê de estar encerrada. Entre um fecho forçado e "sem argumentos", processos judiciais e um processo de nacionalização, os 'herdeiros' garantem estar a tentar revitalizar a empresa.

No interior do edifício ainda são visíveis algumas das garrafas de água mineral do Porto Santo, paradas em plena linha de montagem. Fomos tentar perceber o porquê da produção ter parado, mas antes chegámos à fala com o neto do homem que fundou a Fábrica das Águas do Porto Santo.

João Pestana Santos foi o fundador da fábrica tendo sido ele o primeiro a colocar em funcionamento as máquinas, no dia 16 de Julho de 1906. Tal como contou João Veiga Pestana ao DIÁRIO, o seu avô comprou toda a maquinaria para equipar esta indústria em Paris e é com orgulho que o octogenário fala sobre este investimento do seu avô.

Apesar disso, conta que nunca chegou a "viver" na fábrica, uma vez

que esta acabou por ser vendida a um consórcio que juntava as famílias de José H. de Araújo e Francisco Dias Tavares, quando corria o ano de 1932, sendo que actualmente aos seus herdeiros que pertence a empresa das Águas do Porto Santo.

João Veiga Pestana partilhou com o DIÁRIO um livro de 'Recordações e Confidências' escrito pelo seu pai, Alberto da Veiga Pestana, que acabou por ser o responsável pela venda da fábrica às famílias Tavares e Araújo. Antes, em 1906, João Pestana Santos era denominado de "criador de uma nova indústria" pela empresa regional, ao ter decidido investir nestas águas.

ENCERRAMENTO EM 1995 LEVOU À DEGRADAÇÃO DO PRÉDIO E DA MAQUINARIA

"Em 1908, por ocasião da Exposição Nacional do Rio de Janeiro, meu pai resolveu concorrer com algumas garrafas de Água do Porto Santo, a esse grande certame, com a melhor apresentação possível, acompanhadas de larga documentação das autoridades sanitárias", recordava Al-

berto da Veiga Pestana, na cerimónia de comemoração do 50º aniversário da fábrica, discurso que está 'imortalizado' no seu livro de memórias. E esta aposta acabou por dar frutos, com a Água do Porto Santo a conquistar a Medalha de Ouro nessa exposição.

Tudo indicava que estavam lançadas as sementes para o sucesso desta industrialização. Mas como recorda Alberto da Veiga Pestana, o "sucesso traz a inveja" e houve quem quisesse registar a exploração da Fonte das Lombas e assim impedir a sua exploração ou lucrar com a mesma. "Felizmente que esse alguém se enganou em 200 metros no cálculo da medição das distâncias e assim pode o meu pai efectuar o registo como «Fonte nº 2», posto que a previamente registada (e que afinal era a mesma do meu pai) nunca existiu", recorda Alberto da Veiga Pestana.

São também destas venturas que vive a história da empresa das Águas do Porto Santo. Eis que chega o ano de 1932 e com ele a falência do Banco Henrique Figueira, que acabou por mexer com a vida e os negócios de muitos empresários da Madeira. Foi o caso de Alberto da Veiga Pestana, que se viu obrigado a vender a sua quota nas Águas do Porto Santo. O negócio foi feito com Gabriel Dias Tavares (que já era seu sócio), Francisco Dias Tavares, José Henriques Araújo e António Henriques Araújo

(pais e filhos). Acabava assim a ligação financeira da família Veiga Pestana às Águas do Porto Santo.

Empresa de Cervejas e as nacionalizações

A empresa Águas do Porto Santo detinha 32% da Empresa de Cervejas. O negócio da ilha dourada era, em parte, suportado pelos rendimentos deste investimento.

É com alguma tristeza, pela forma como todo o processo das Águas do Porto Santo decorreu e pela forma como causou sofrimento aos intervenientes, que os actuais gerentes falam sobre a empresa. Tendo em conta o número de filhos e de netos dos primeiros donos da empresa, estamos a falar de dezenas de herdeiros. Há, no entanto, um conselho de gerência, onde se insere João Pedro Araújo, que acedeu contar a história da empresa ao nosso jornal, acompanhado pelo primo Luís Tavares, também ele gerente.

Eis que se chega a Abril de 1975, que trouxe consigo os processos de nacionalização de empresas que daí advieram. No caso da Madeira, o Estado nacionalizou as quotas que eram detidas por madeirenses, acabando as famílias Tavares e Araújo por perder a participação na Empresa de Cervejas, que passou a ser propriedade do Estado, mas também de famílias inglesas (a quem o processo de nacionalização não afectou). Este



João Veiga Pestana é neto do fundador das Águas do Porto Santo. FOTO ASPRESS